PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 92 / 2025

Concede o título de Cidadã Soteropolitana a Senhora Maura Cristina.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

RESOLVE:

Art. 1º. Concede o título de Cidadã Soteropolitana a Senhora Maura Cristina.

Art. 2º. Será marcada uma Sessão Especial para entrega da referida honraria.

Art. 3º. As despesas para a realização da entrega desta honraria serão às expensas do orçamento vigente desta Câmara Municipal.

Art. 4º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Salvador/BA, 15 de setembro de 2025.

SÍLVIO HUMBERTO

JUSTIFICATIVA

Maura Cristina é ativista do Movimento Negro. Sua convicção de luta nasce da desigualdade e da reparação histórica que o Brasil ainda não realizou. Atua como ativista das mulheres negras da Bahia, é mãe solteira de um jovem negro universitário de 26 anos e vive há 18 anos em uma ocupação no Centro Histórico de Salvador. É Coordenadora Estadual do Movimento Sem Teto da Bahia e também fundadora e coordenadora do coletivo *Articulação Movimento e Comunidades do Centro Antigo de Salvador - BA*. Além disso, representa a campanha Despejo Zero na Bahia.

Nascida em São Caetano do Sul, São Paulo, Maura vem de uma família originária do interior paulista, da cidade de Tupã. Em uma conversa sobre moradia, ouviu de uma tia que sua família havia sido escravizada — uma memória que marcou profundamente sua trajetória. Na infância, seu pai saiu de São Caetano e adquiriu um terreno na Vila Santo Antônio, em Ferraz de Vasconcelos, região da extrema zona leste de São Paulo. Esse território marcou sua primeira infância. Já na adolescência, mudou-se com a família para Osasco.

Desde cedo, ocupou posições de liderança. No ginásio, foi líder do grupo Red Bool, sempre com o desejo de reunir pessoas e descobrir o Movimento Negro, no qual foi forjada. Formou-se em Psicologia pela Universidade Brás Cubas (em 1976) e atuou profissionalmente na área de Recursos Humanos em São Paulo, num período de intensas transformações e dificuldades no mercado de trabalho. Foi também nesse período que passou a compreender com mais profundidade o racismo estrutural no Brasil e a exclusão do povo negro do direito à moradia digna, ao território com acesso a serviços essenciais como saúde e educação.

Sempre se questionou sobre os efeitos reais da chamada “reforma” pós-abolição: “Terra” e “Semente” jamais foram garantidas ao povo negro após 300 anos de trabalho forçado e violência. Em São Paulo, teve sua primeira experiência com movimentos por moradia ao ingressar no projeto do COPROMO em Osasco. Participou da ocupação de um terreno abandonado do Exército por 2.000 famílias e, junto com a USP, integrou um projeto de autoconstrução de moradias. Essa vivência foi um marco em sua compreensão de moradia como direito constitucional. A conquista foi dupla: além da chave da casa, garantiu-se que o imóvel fosse registrado em nome da mulher — uma vitória política e simbólica.

Em 1990, após diversas viagens entre São Paulo e Salvador, decidiu se mudar para a capital baiana. Considera essa mudança a melhor escolha de sua vida. Chegou à cidade com um filho de 7 anos, em busca de moradia. O sentimento de pertencimento foi imediato: ao andar pelas ruas de Salvador, via rostos que lembravam familiares — tios, tias, sobrinhos, pai e mãe. Estar em Salvador significava, para ela, estar em casa.

Em 2007, diante das dificuldades para manter moradia, alimentação e a educação do filho, encontrou uma ocupação já realizada pelo Movimento Sem Teto da Bahia. Entrou em um

casarão abandonado há 20 anos na Rua do Passo, junto a outras cinco mulheres negras, todas chefes de família. Desde então, permanece na luta para garantir o direito de permanecer nesse imóvel, enfrentando inúmeros desafios. A partir dessa ocupação, surgiu também a ocupação da Soledade, que completa 22 anos. Com base nessas experiências, foi possível promover formações políticas e iniciar a ocupação de outros casarões históricos disponíveis para habitação. Hoje, são oito ocupações no Centro Histórico, majoritariamente habitadas por mulheres negras, mães solo.

Nos últimos anos, Maura Cristina ajudou a fundar um coletivo em defesa do direito à cidade e à moradia: a *Articulação Movimentos e Comunidades do Centro Antigo de Salvador*. Esse coletivo reúne movimentos como o MSTB Centro Histórico, Artífices da Ladeira da Conceição, Ladeira da Preguiça, Gamboa de Baixo e Vila Coração de Maria (bairro Dois de Julho). Com essas organizações, segue articulando ações e intervenções junto aos órgãos responsáveis pelas decisões urbanas na cidade.

Diante das razões aqui expostas, solicito o apoio dos(as) nobres pares para a aprovação desta justa homenagem, reconhecendo que Maura Cristina reúne méritos inquestionáveis para receber o Título de Cidadã Soteropolitana, em reconhecimento à sua trajetória de luta, dedicação às causas sociais e inestimável contribuição para Salvador e seu povo.

Salvador, 15 de setembro de 2025.

SÍLVIO HUMBERTO